

LEITURA EM VOZ ALTA COMPARTILHADA

LUIZA MILANO (ORG.)

2023

1ª edição

Porto Alegre

editora
ZO
UK

Conselho Editorial

Cristiane Tavares – Instituto Vera Cruz/SP

Daniela Mussi – UFRJ

Idalice Ribeiro Silva Lima – UFTM

Joanna Burigo – Emancipa mulher

Leonardo Antunes – UFRGS

Lucia Tennina – UBA

Luis Augusto Campos – UERJ

Luis Felipe Miguel – UnB

Maria Amelia Bulhões – UFRGS

Regina Dalcastagnè – UnB

Regina Zilberman – UFRGS

Renato Ortiz – Unicamp

Ricardo Timm de Souza – PUCRS

Rodrigo Saballa de Carvalho – UFRGS

Rosana Pinheiro Machado – Universidade de Bath/UK

Susana Rangel – UFRGS

Winnie Bueno – Winnieteca

2023 © Luiza Milano

Projeto gráfico e edição: Editora Zouk

Revisão: Tatiana Tanaka

Fotos da capa: Manuel Surreaux

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
de acordo com ISBD
Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949**

L533

Leitura em voz alta compartilhada [recurso eletrônico] / organizado por
Luiza Milano. - Porto Alegre : Zouk, 2023.
192 p. ; PDF.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5778-105-0 (Ebook)

1. Leitura. 2. Linguística. I. Milano, Luiza. II. Título.

2023-1014

CDD 410

CDU 81'1

Índice para catálogo sistemático:

1. Linguística 410
2. Linguística 81'1



direitos desta edição reservados à

Editora Zouk

Av. Cristóvão Colombo, 1343 sl. 203

90560-004 – Floresta – Porto Alegre – RS – Brasil

f. 51. 3024.7554

www.editorazouk.com.br

A experiência da leitura da solidão da América Latina. Em voz alta!

Liliam Ramos

Desde 2012 sou professora do curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vinculada ao Departamento de Línguas Modernas e responsável pelas disciplinas de Literatura e Cultura Hispano-Americana. Um dos grandes prazeres desse trabalho é, justamente, debater sobre os processos políticos, econômicos e sociais pelos quais passam as comunidades latino-americanas a partir de suas diferenças comuns: embora sejam povos com culturas particulares, entende-se que vivemos uma mesma situação de violências e expropriações nos processos coloniais pelos quais viemos passando desde a invasão europeia nas Américas, em 1492. Tais debates surgem a partir da leitura de intelectuais latino-americanos e de escritores e suas escritas literárias, que nos auxiliam, de forma metafórica, a compreendermos tais processos e também a pensarmos como que tantos desgostos podem ser lidos em um outro tipo de linguagem que, em um primeiro momento, pode parecer mais leve. Mas não é. E a leitura em voz alta de *Cem anos de solidão*, do colombiano Gabriel García Márquez, romance publicado em 1967, comprovou o quanto ainda nós, latino-americanos, estamos solitários, abandonados à nossa própria sorte.

A leitura em voz alta dessa obra ocorreu no ano de 2017, na celebração dos 50 anos de sua publicação. No contexto do projeto *Leitura em Voz Alta*, coordenado pela professora Luísa Milano, foi a primeira leitura fora dos muros da universidade: no Parangolé, bar localizado na Cidade Baixa, bairro boêmio da cidade de Porto Alegre. Misturada à expectativa de um projeto literário fora da academia, e mais, em um bar, o público participante ainda vivia o luto do golpe político sofrido em 2016, com a destituição da presidenta Dilma Rousseff, uma ferida que carregamos até hoje, com todas as suas consequências nefastas: a escalada ao poder de um grupo de milicianos, conservadores e negacionistas que vêm, aos poucos, acabando com os parques direitos que nós, brasileiros, havíamos conquistado. Segundo o próprio García Márquez, em seu discurso de agradecimento ao Prêmio Nobel de Literatura em 1984, estaria aí o nó da nossa solidão: a incapacidade de mantermos regimes democráticos e

progressistas, visto que a história da América Latina é transpassada por golpes, ditaduras, governos populistas, enfim, pessoas que pouco se preocupam com a população e sim, com seus privilégios e com a manutenção de famílias com direitos políticos perpétuos em espaços de poder.

Participei, além dessa edição, das leituras de *Lavoura arcaica*, de Raduam Nassar (2017); de *O livro do desassossego*, de Fernando Pessoa (2018) e, recentemente, de *Marrom e amarelo*, de Paulo Scott (2021). Para colaborar com este livro que apresenta as experiências dos leitores do projeto *Leitura em Voz Alta*, não poderia escolher outra obra que não fosse *Cem anos de Solidão*, pelos motivos que explicitarei a seguir.

Conhecendo a solidão

Aos dezesseis anos, tive meu primeiro emprego. Foi no posto de correios de uma localidade chamada Morungava, zona rural da cidade de Gravataí. Como se tratava de um lugar pequeno, não havia carteiros, então, eu era a “guria do correio”. A responsável por repassar aos morungavenses as correspondências com notícias que vinham de outros lugares. Um dia, em um catálogo de livros que veio solto no malote, leio um título que me interessou na hora: *Cem anos de solidão*. Que título lindo! Apaixonada que era por *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo, relatei as histórias de fundação de cidades, guerras, amores, sagas familiares, solidão. Comprei o livro. A narrativa das pessoas daquela cidade que não se comunicava com o mundo de fora, assim como nós, em Morungava – onde as pessoas não tinham sequer telefone –, me emocionou do início ao fim. O posto de correios era o único lugar onde se dava o acesso ao mundo externo, seja por cartas (via escrita) ou por telefone (via fala e escuta), e estava localizado em uma farmácia, lugar que contava com um telefone público (e pago) na comunidade.

Ao ingressar no curso de Letras da UFRGS, em 1997, fui aluna da apaixonada Márcia Navarro, que me abriu um oceano de percepções ao me posicionar em um lugar novo que era aquela coisa chamada América Latina, espaço que, inconscientemente, já havia conhecido através da leitura de *Cem anos de solidão* e com o qual eu me identificava cada vez mais. Posso afirmar que foi este livro que me localizou no mundo, ou seja, no meu mundo, que é a história da constituição dos povos latino-americanos. E é a partir da perspectiva da literatura para os povos originários que comentarei sobre a experiência de ler em coletivo, de falar e de escutar e de, após a leitura formal, conversar sobre o que foi lido, sobre o que foi enunciado, quais as percepções coletivas e individuais daquela leitura.

A solidão coletiva

Segundo o pesquisador José Miguel Oviedo, no primeiro volume de sua *Historia de la literatura hispanoamericana* baseado em textos de Miguel León Portilla e outros profícuos estudiosos das literaturas dos povos originários das Américas, aquilo que hoje chamamos de literatura era uma experiência comum a todos: integrada a fenômenos religiosos, sociais e culturais extremamente complexos, apresentava um forte apelo coletivo e cumpria sua função em um contexto mais vasto, no qual o essencial era conservar a memória de certos fatos, personagens ou imagens. Pensando em nossos dias atuais e em nossa história, é possível afirmar que a literatura serve também para conhecermos outros povos, outras formas de pensar, e para relacionar tudo isso com nossas vidas pessoais e coletivas (por isso que gostamos “mais” ou “menos” de uma obra: por tudo aquilo que ela representa para nós como indivíduos). Embora o objeto livro e tal perspectiva de “ler” em coletivo fossem diferentes – os povos originários liam formas ágrafas, como sistemas pictográficos ou hieróglifos de representação –, é interessante analisar a perspectiva do “consumidor” de literatura: tais textos não eram “livros” para serem lidos da forma como conhecemos, mas, sim, para serem desfrutados, observados, decifrados, lembrados. O fundamento da literatura dos povos originários era a palavra viva, o ato verbal e a sua repetição ao longo das gerações.

Quando fui buscar minha versão em português – comprada exclusivamente para o projeto *Leitura em Voz Alta*, visto que tenho uns três exemplares de edições em espanhol –, para relembrar os momentos da leitura em coletivo, me deparo com uma citação atribuída a Michel de Montaigne, escrita por mim a lápis, que deve ter sido proferida por alguém (que não lembrarei quem, obviamente; em nossa vida contemporânea, se não anotamos, esquecemos) participante do evento: “a palavra é metade de quem a pronuncia e metade de quem a escuta”. Imediatamente fiz a relação com a perspectiva de literatura dos povos originários: a literatura é uma construção coletiva de significados. Tal construção, em geral, é realizada quando lemos individualmente e, depois, nos encontramos em grupo para debater o texto lido. No entanto, ao ler coletivamente, ao passar a voz, ao respeitar o tempo de leitura de cada um(a), ao esperar (ou não) ouvir a voz de alguém, ao encarar palavras que não conhecemos (tenho a anotação “encara a palavra, Gabi!” na página 200 da minha versão, relacionada à palavra “ierosolimitanos”, que deve ter causado alguma dificuldade na pronúncia), ao criar um ambiente de fala e escuta, construímos sentidos coletivos, identificamos vozes que confortam e que incomodam e percebemos

o ritmo que o(a) escritor(a) apresentou em sua escrita – trabalho minucioso e nem sempre evidenciado. Tais considerações são impossíveis de serem elaboradas através de uma leitura silenciosa, individual. Posso dizer que, após essa experiência, jamais consegui dar uma aula de literatura sem proporcionar o espaço da leitura em voz alta de algum trecho, no desejo de ouvir as vozes de alunos e a forma como cada um(a) lê o texto.

Decifrando a solidão em voz alta

Interessante apontar que, na narrativa de *Cem anos de solidão*, em que o tempo se apresenta de forma cíclica, Aureliano Babilônia, o último dos Buendía, é o responsável por decifrar os pergaminhos de Melquíades, escritos cem anos antes do momento da leitura. García Márquez encerra o texto de forma magistral, no qual personagem, narrador e leitor(a) descobrem o fatal desdobramento da cidade de Macondo (cuidado, *spoiler!*): o fim, ao ser centrifugada pela cólera de um furacão bíblico. Narrativa e cidade findam ao mesmo tempo. E, incrivelmente, os pergaminhos, escritos originalmente em sânscrito com versos pares cifrados “com o código privado do imperador”, e os ímpares, com “os códigos militares lacedemônios”, são decifrados em voz alta, como se somente a leitura enunciada pudesse, de fato, ser passível de credibilidade, de veracidade e, naquele caso, ter a força necessária para rememorar a história da família ao mesmo tempo que convocava o vento profético que destruiria aquela memória impossível de ser recuperada e com um fim já decidido desde o início.

Após trabalhar com o objeto livro há incontáveis semestres, após reler a narrativa várias vezes, após apresentar a história em cursos, a experiência de ler *Cem anos de solidão* em voz alta é digna de ser registrada. Por ter sido minha primeira prática nesse sentido, guardo as lembranças dos encontros com muito carinho, repensando sempre no quanto a leitura do texto literário em coletivo nos remonta às nossas ancestralidades originárias latino-americanas, onde o respeito ao tempo de fala do outro ainda se mantém e o interesse na escuta nos faz repensar a construção coletiva de sentidos e significados. Talvez, dessa forma, ao atuarmos no conjunto, possamos diminuir o tamanho de nossa solidão em um mundo que se faz cada vez mais individualista.

Referências

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. La soledad de América Latina. *RevIU*, v. 2, n. 1, p. 9-11, 2014. Disponível em <https://revistas.unila.edu.br/IMEA-UNILA/article/view/249/246>. Acesso em: 18 out. 2021.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Cem anos de solidão*. Tradução de Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Sabiá, 1970.

OVIEDO, José Miguel. *Historia de la literatura hispanoamericana*. De los orígenes a la emancipación. Madrid: Alianza Editorial, 2012. v. 1.